



**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE A DISTÂNCIA**

MARIA DA GLÓRIA PEREIRA CAMPOS

A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

JOÃO PESSOA - PB

2013

MARIA DA GLÓRIA PEREIRA CAMPOS

A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dr^a. Geovânia da Silva Toscano

JOÃO PESSOA - PB

2013

MARIA DA GLÓRIA PEREIRA CAMPOS

A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

APROVADA EM: ___/___/2013

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr^a. Geovânia da Silva Toscano - Orientadora
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

_____ – 1^o membro
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

_____ – 2^o membro
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

JOÃO PESSOA - PB

2013

Dedico esta monografia a Deus, que é a razão da minha existência, ao meu pai Mário Pereira Campos (in memoriam) e a minha mãe Maria Antonieta Campos, ao meu esposo Fábio Roberto, aos meus filhos Fábio Filho e Lethícia Campos que são a minha família e estão presente em todos os momentos de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu a vida e me abençoa todos os dias me dando forças e coragem para lutar pelos meus ideais.

A minha querida mãe, Maria Antonieta, que me adotou com todo amor, sempre me ensinando, passando para mim a essência de bons ensinamentos que foram a base de tudo na minha vida, me fazendo crescer e acreditar que sou capaz, sempre me incentivando nos estudos, e por nunca ter desacreditado de mim, me enchendo de coragem e otimismo, me incentivando para hoje ser o que sou.

Ao meu esposo Fábio Roberto, pelo incentivo, força amizade, carinho, paciência e amor que compartilhamos durante nosso caminhar, com quem dividi as angustias, as alegrias no decorrer desse curso.

Aos meus filhos Fabinho e Lethícia que de uma forma especial souberam compreender minhas longas horas de ausência, mas que estiveram presentes em meus pensamentos impulsionando-me a procurar mais e mais conhecimentos.

A Universidade Federal da Paraíba por ter apostado nessa nova modalidade de ensino que está a cada dia desbravando mais fronteiras.

A todos os professores e mediadores que me passaram de alguma forma seus conhecimentos, que tanto contribuíram no processo de formação, em especial a Lebian Tamar, Marilene Salgueiro, Luciênio de Macedo e Adlene Silva Arantes, que em minha concepção foram exemplos de educação a distância, porque apesar da distancia se mantinham presentes, sempre prontos, auxiliando com a total compreensão seus aprendentes, nas horas das necessidades e dificuldades.

Ao Prof^o. Jorge Hermida, pela sua competência em conduzir esse componente curricular.

A minha orientadora Prof^a Dr^a. Geovânia da Silva Toscano, por sua compreensão nas dificuldades e problemas que sofri no decorrer desse trabalho, pelas correções e esclarecimentos das dúvidas que surgiam me conduzindo de forma prudente nessa gigantesca trajetória, tornando possível a sua realização.

As minhas duas amigas de faculdade, Maria do Socorro e Sulamita Costa que sempre estivemos juntas nesses quatro anos e meio, convivemos, estudamos e trocamos conhecimentos. Foram incontáveis horas de estudo e dedicação. A essas duas amigas minha eterna gratidão.

Agradeço de forma especial, a minha amiga Marilene Ramos, que me forneceu livros para estudo bibliográfico.

Ao meu cunhado Edmilson e ao meu sobrinho Wagner que me ensinou a navegar no ambiente virtual e a fazer uso da tecnologia.

E agora, ao olhar para trás, tenho a sensação de dever cumprido, e ver que as noites de sono perdidas não foram em vão, o cansaço físico e mental foi superado, as longas horas de pesquisas e leituras foram recompensadas; e que fui uma grande vitoriosa no final dessa longa jornada, onde me encontro ainda mais forte para superar as novas mudanças que estão por vir.

Há todos vocês muito obrigado e minha sincera GRATIDÃO.

A afetividade é o suporte da inteligência, da vontade, da atividade, enfim, da personalidade. Nenhuma aprendizagem se realiza sem que ela tome parte. [...] A afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida de todos os seus acontecimentos, promovendo todas as atividades. (HILLAL, p. 18, 1985)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo ressaltar a importância da afetividade na Educação Infantil, descrevendo sua importância no desenvolvimento das crianças, no contexto social, intelectual e cultural. A análise se fundamenta nas idéias de pensadores como Wallon (1986), Vygotsky (1994) e Piaget (1980), dentre outros, que tomaram como preocupação especial a relação da afetividade na aprendizagem de valores e conhecimentos que a criança deverá se apropriar durante o seu desenvolvimento. A pesquisa foi realizada com mães e professores da educação infantil de uma instituição de ensino, no município de Ipojuca –PE. Para tanto foi utilizada uma abordagem metodológica quali-quantitativa, buscando uma articulação dos autores com os sujeitos participantes. Através da análise de dados, verifica-se que a afetividade e o processo de aprendizagem, estão intrinsecamente ligados e que tanto mães como educadores reconhecem que a interação entre família, escola e aluno é fundamental no desenvolvimento da aprendizagem das crianças. Portanto, é imprescindível que haja uma colaboração ativa dos envolvidos neste processo. Em fim, partindo dessa interação professor e aluno, com afinidades ou afetividade em ambas as partes, que se estabelece uma ação, e interesse pelo desenvolvimento integrado e global do educando.

Palavras-chave: Afetividade. Desenvolvimento. Aprendizagem. Processo Educativo.

ABSTRACT

This paper aims to highlight the importance of affectivity in early childhood education, describing its importance in the development of children in the social, intellectual and cultural. The analysis is based on the ideas of thinkers like Wallon (1986), Vygotsky (1994) and Piaget (1980), among others, who took particular concern as the relation of affectivity in learning values and skills that children need to be recognized during the development. The survey was conducted with mothers and teachers of early childhood education from an educational institution, in the municipality of Ipojuca-PE. For this we used a qualitative-quantitative methodological approach, seeking a joint author with the participating subjects. Through data analysis, it appears that affectivity and learning processes are intricately linked and that both mothers and educators recognize that the interaction between family, school and student is critical in the development of children's learning. Therefore, it is essential that there is an active collaboration of those involved in this process. In order, starting this teacher-student interaction, with affection or affinity for both parties, which establishes an action, and interest in the integrated development and global learner.

Keywords: Affection. Development. Learning. Educational Process.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CONCEITO DE AFETIVIDADE	14
2.1 AFETIVIDADE NA VISÃO DE WALLON	15
2.2 A FETIVIDADE NA VISÃO DE PIAGET E VYGOTSKY	19
3. CONCEPÇÕES DE APRENDIZAGEM	24
3.1. A INTERFERÊNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM	25
3.2 O OLHAR AFETIVO DO PROFESSOR	28
4. METODOLOGIA, CAMPO EMPÍRICO E ANÁLISE DOS DADOS	31
4.1 CARACTERIZAÇÕES DA PESQUISA	31
4.2 CARACTERIZAÇÕES DOS RESPONDENTES E ELEMENTOS DE COLETA DE DADOS	33
4.3 ANÁLISE DOS DADOS	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
APÊNDICE	47

1. INTRODUÇÃO

A afetividade está muito presente no processo de aprendizagem, principalmente quando se trata de educação infantil. Ela é facilitadora deste processo e o professor um mediador. Nesta fase, a construção de alguns limites na criança é muito importante para a constituição de um indivíduo cidadão de direitos e com a consciência de que também tem deveres.

Sendo a afetividade essencial às relações humanas vê o educando como um sujeito em fase de formação, com características peculiares e que necessita de educação e cuidados que favoreça sua constituição como indivíduo.

A afetividade é fundamental para as relações humanas e estas devem ser cultivadas, especialmente nas instituições que trabalham com a educação infantil, haja vista que na escola deve-se cultivar tal sentimento. Na condução da criança na escola, o educador exerce o papel de mediador e incentivador, além, de propiciar uma recepção afetiva delas, ao mesmo tempo em que desenvolve atividades diferenciadas também proporcionam essas relações entre os próprios alunos.

Almeida (2002 apud LIMA, p. 15, 2008), discutindo o conceito de afetividade na obra de Wallon, diz-nos que “a mesma está sempre relacionada aos estados de bem estar e mal-estar do indivíduo, manifestando-se através das emoções, das paixões e dos sentimentos. A emoção é a forma de expressão da afetividade que se constitui em reações instantâneas e efêmeras que se diferenciam em alegria, tristeza, cólera e medo”.

O desenvolvimento destas e demais aptidões, dar-se com a influência, da aplicação da prática. Certamente uma prática pedagógica fundamentada na afetividade possui maiores condições para atender aos objetivos educacionais.

O espaço escolar é propício para o desenvolvimento das relações e expressões de afetividade. É um fator importantíssimo que está relacionado para que se obtenha um melhor desenvolvimento da personalidade da criança compreendida como ser histórico ativo em sua vida.

Daí surge à necessidade dessa abordagem para enfatizar os fenômenos afetivos, sendo a ênfase maior nas emoções e sentimentos nas expressões afetivas e suas implicações nos eixos que formam o processo de ensino-aprendizagem do contexto histórico.

Vários são os autores que abordam o tema afetividade, dentre eles estão Piaget, Vygotsky e Wallon. Para Piaget (1990, p. 19), “a afetividade é a razão que constitui termo complementares, a afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações”. Para este mesmo autor, o afeto é uma importante energia para o desenvolvimento cognitivo, assim nos diz:

[...] a afetividade constitui a energética das condutas, cujo aspecto cognitivo se refere apenas às estruturas. Não existe, portanto, nenhuma conduta, por mais intelectual que seja que não comporte, na qualidade de móveis, fatores afetivos; mas, reciprocamente, não poderia haver estados afetivos sem a intervenção de percepções ou compreensão, que constituem a estrutura cognitiva. A conduta é, portanto, uma, mesmo que, reciprocamente, esta não tome aquelas em consideração: os dois aspectos afetivo e cognitivo são, ao mesmo tempo, inseparáveis e irreduzíveis (PIAGET, p. 23, 1990).

Segundo Dantas (1992, p. 07), Wallon estabelece uma distinção entre emoção e afetividade. “A dimensão afetiva ocupa lugar central tanto do ponto de vista da construção tanto da pessoa quanto do conhecimento”. Deste modo, a emoção é vista como instrumento de sobrevivência imprescindível à espécie humana e por sua vez também a afetividade, onde as emoções se manifestam.

Este mesmo autor explica ainda que, uma criança sadia, quando já esta se relacionando afetivamente bem com o que a cerca, em particular sua mãe, sente necessidade de ser objeto de manifestações afetivas para que, assim, seu desenvolvimento biológico seja perfeitamente normal.

Em seu livro Galvão (1995), relata que,

As emoções possuem características específicas que as distinguem de outras manifestações da afetividade. São sempre acompanhadas de alterações orgânicas, como aceleração dos batimentos cardíacos, mudanças no ritmo da respiração, dificuldades na digestão, secura na boca. Além dessas variações no funcionamento neurovegetativo, perceptíveis para quem as vivem, as emoções provocam alterações na mímica facial, na postura, na forma como são executados os gestos. Acompanham-se de modificações visíveis do exterior, expressivas, que são responsáveis por seu caráter altamente contagioso e por seu poder mobilizador do meio humano. (GALVÃO, 1995, p. 61)

Então perante do exposto acima, percebemos que ao longo do desenvolvimento do indivíduo, esses fatores em suas interações recíprocas modificam tanto as fontes de onde procedem as manifestações afetivas, quanto as suas formas de expressão.

Wallon diz que: “a emoção corresponde a um estágio da evolução psíquica situado entre o automatismo e a ação objetiva, entre a atividade motriz, reflexa, de natureza fisiológica e o conhecimento” (WALLON, p. 91, 1971).

O afeto da criança está intrinsecamente ligado a aprendizagem, mediante três aspectos: corpo, sensibilidade e imaginação.

Para Guillot (2008, p. 12), “o professor é um mediador entre os valores éticos universais, entre a criança e a lei, entre a criança e a aprendizagem, entre a criança e a ação”. A criança é um ser de emoção e ação.

Assim, nesta pesquisa apresento como problemática a seguinte pergunta: qual a importância da afetividade e suas implicações no ensino aprendizagem na Educação Infantil? Esta problemática parte do pressuposto de que existem professores que trabalham na educação infantil como se fosse uma série mais fácil de lidar. Não percebem o outro lado, que a sua relação com a criança que está entrando na escola confunde muitas vezes a professora com a mãe. E, às vezes, esta relação não é correspondida.

Deste modo temos como objetivo geral da presente monografia: entender como se estabelecem as relações de afetividade infantil entre o adulto e a criança e como elas influenciam no processo de ensino-aprendizagem. E como objetivos específicos: verificar a importância do afeto para o desenvolvimento infantil; compreender como a afetividade influencia no processo de ensino-aprendizagem em duas turmas da pré-escola; identificar aspectos que podem contribuir de maneira positiva ou negativa nos processos de ensino aprendizagem.

Quando a criança ingressa na escola torna-se ainda mais evidente o papel da afetividade na relação professor-aluno. A escola é a primeira aprendizagem no meio social da criança e ela traz consigo muitas experiências afetivas. Nesse sentido, para a criança, torna-se importante e fundamental o papel do vínculo afetivo, que inicialmente apresenta-se na relação pai-mãe-filho e depois vai se ampliando para a figura do professor.

Assim, levantamos como hipótese desta monografia de que maneira a afetividade contribui positivamente para nos processos de ensino e de aprendizagem.

Como procedimento metodológico, utilizei a pesquisa de campo a qual foi realizada em uma abordagem quali-quantitativa, tendo como instrumentos a observação e o questionário semi-aberto.

A escola de realização da pesquisa pertence à rede pública e está situada na cidade de Ipojuca – PE. Vale ressaltar que me detive apenas à educação infantil, sendo os sujeitos da pesquisa em número de 2 professores, 4 pais de alunos. Utilizei também como procedimento metodológico, questionário com professores, pais dos alunos e algumas observações do cotidiano escolar das salas de aula.

Para um percurso adequado na abordagem do tema o trabalho foi dividido em capítulos que vislumbram um caminho de entendimento coerente. No primeiro capítulo, abordaremos o conceito referente à afetividade, na qual traremos a visão de Wallon, Piaget e Vygotsky. No segundo capítulo, apresentaremos as concepções de aprendizagem, como também a interferência da afetividade na aprendizagem e o olhar afetivo do professor. No terceiro capítulo apresentaremos a metodologia adotada e as análises dos dados e por último as considerações finais.

2. CONCEITO DE AFETIVIDADE

Vários são as divergências sobre o conceito que envolve a afetividade, tendo em vista sua ampla compreensão em diversos termos: emoção, estado de humor, motivação, sentimento, paixão, atenção e entre outros. Assim, para Der (2004, p. 61) “é entendido como o conjunto funcional que responde pelos estados de bem estar e mal estar quando o homem é atingido e afeta o mundo que o rodeiam”.

Segundo Engelman (1978), a dificuldade na compreensão do termo afetividade se deve a variações semânticas, ao longo do tempo em diversos idiomas (francês, inglês, alemão, italiano e etc.). Espera-se clarear as ideias usando os sinônimos da palavra. Assim, conclui-se que existe uma variação conceitual muito grande, dependendo do autor e do idioma.

Para Piaget (1990, p. 19), “a afetividade é a razão que constitui termos complementares, a afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e

obter êxito nas ações”. Para este mesmo autor, o afeto é uma importante energia para o desenvolvimento cognitivo, assim nos diz:

A afetividade constitui a energética das condutas, cujo aspecto cognitivo se refere a apenas às estruturas. Na o existe, portanto nenhuma conduta, por mais intelectual que seja que não comporte, na qualidade de móveis afetivos, fatores afetivos; mas reciprocamente não poderia haver estados afetivos sem intervenção de percepções ou compreensão que constituem a estrutura cognitiva (PIAGET, 1990, p. 23).

Ao analisarem a vida social e emocional Ortiz et al (2004, p. 51), afirmam que “o vínculo emocional mais importante na primeira infância, é o apego que a criança estabelece com uma ou várias pessoas do sistema familiar”.

Andrade (2007, p. 05), considera que:

São três os componentes básicos: o primeiro, conduta de apego (de proximidade e interação privilegiada com essas pessoas); segundo, representação mental (as crianças constroem uma ideia de como são as pessoas, o que ela pode esperar delas) e terceiro, sentimentos (de bem estar com sua presença ou ansiedade por sua ausência). O objetivo do apego, que tem a função adaptativa para a criança inserida em seu contexto, é favorecer-lhe a sobrevivência, buscando a proximidade de seus cuidadores e de proporcionar segurança emocional, transmitindo aceitação incondicional, proteção e bem estar. (ANDRADE, p. 05, 2007)

Aurélio (1994, p. 68) tem a definição de afetividade, e caracteriza um conjunto de fenômenos psíquicos que manifestam sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor, insatisfação, de agrado e desagrado, de alegria ou tristeza.

2.1 AFETIVIDADE NA VISÃO DE WALLON

No entendimento de Wallon (1986), as teorias sobre as emoções são essencialmente mecanizadas e pouco inteligíveis. Esse mesmo autor percebe como reações incoerentes e confusas e em seguida destaca o poder motivante que tem as emoções consideradas positivas.

Finalmente podemos dizer que o contexto social em que a criança está inserida tem grande influência no desenvolvimento das emoções da mesma, de acordo com experiências vivenciadas e vencidas por elas.

Para Wallon (1992, apud CORREIA, HEIDRICH, RATEKE, 2007), a afetividade é considerada não apenas uma das dimensões da pessoa, mas uma das bases de seu desenvolvimento. Ele considera que a afetividade tem papel imprescindível no desenvolvimento da personalidade que se constitui sob a alternância dos domínios funcionais.

Assim, a afetividade é uns dos domínios funcionais, cujo desenvolvimento é dependente da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existem uma relação estreita tanto que as condições medíocres de um podem ser superadas pelas condições mais favoráveis do outro. Essa relação recíproca impede qualquer tipo de determinismo no desenvolvimento humano, tanto que

[...] a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência, onde a escolha individual não está ausente (WALLON apud ALMEIDA, 2003, p.20).

Segundo Dantas (1992), Wallon estabelece uma distinção entre emoção e afetividade, a dimensão afetiva ocupa lugar central tanto do ponto de vista da construção tanto da pessoa quanto do conhecimento. Deste modo, para ele a emoção é vista como instrumento de sobrevivência imprescindível à espécie humana e por surda vez também a afetividade, onde emoções se manifestam. Este mesmo autor explica ainda que, uma criança sadia, quando já está se relacionando afetivamente bem com que a cerca, em particular sua mãe, sente necessidade de ser objeto de manifestações afetivas para que, assim, seu desenvolvimento biológico seja perfeitamente normal.

A afetividade, portanto, tem uma concepção mais ampla envolvendo a gama de manifestações, englobando sentimentos e emoções. A afetividade corresponde a um período tardio da evolução da criança, quando surgem os elementos simbólicos. Segundo Wallon (1986),” é com o aparecimento destes que ocorre a transformação em sentimentos”. (LEITE, TASSONI, 2008)

Como podemos observar este autor, defende que no decorrer do processo de desenvolvimento do individuo a afetividade tem um papel fundamental. Tendo a função de comunicação nos primeiros meses de vida, manifestando-se através de impulsos emocionais, estabelecendo os primeiros contatos da criança com o mundo.

Deste modo, Dantas (1992, p. 85-86) assegura o que é atividade emocional:

A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge na vida orgânica: corresponde a sua primeira manifestação. Pelo vínculo imediato que se instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo da sua história.

O tema emoções ocupa lugar de destaque na psicogenética e seu estudo ilustra bem os procedimentos de análise proposto para ela. Para superar as visões que compreendiam as emoções como acessório da ação humana ou elemento perturbador dela, Wallon (1986) se volta para os primórdios da vida, mostrando que, ser esse período em que as emoções têm presença predominante, deve estar aí à fonte da compreensão (ARANTES, 2003).

Com sua teoria Wallon (1986) prova que o bebê, se não fosse pela sua habilidade de movimentar poderosamente, ele pereceria. Não é por acaso que o choro de uma criança atua de forma tão intensa sobre sua mãe. Neste sentido o mesmo, considera a emoção fundamentalmente social. Ela fornece o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos e supre a ineficiência da articulação cognitiva nos primeiros momentos da vida de um indivíduo.

Se considerarmos como interação social somente as situações em que há encadeamento entre as ações dos parceiros em direção a um objetivo comum, deixamos de tratar como tal inclusive formas de interação entre contemporâneos. No primeiro ano de vida uma criança realiza alguma ação (empurrar carrinho, balançar chocalho) e outra permanece observando. Se nos pautarmos num conceito mais abrangente e se estivermos sensíveis aos componentes expressivo-emocionais das condutas infantis, veremos nessas ações aparentemente paralelas e independentes coesão e complementaridade, a criança que empurra o carrinho ou mexe o chocalho parece se exibir para o companheiro, como quem alimentada pelo seu olhar atento. Assim, Wallon (1986) divide o desenvolvimento infantil em estágios, em cada etapa do desenvolvimento, os aspectos afetivos e cognitivos estão em constante entrelaçamento.

Em seu livro Galvão (1999) faz uma releitura destes estágios a qual Wallon comenta:

o estágio impulso emocional (de 0 a 1 ano), neste estágio abre-se um ciclo de reações generalizadas e difusas no comportamento do bebê. A atividade cognitiva encontra-se vinculada às respostas afetivas na linguagem emocional; estágio sensório motor e projetivo (1 a 3 anos), o primeiro período corresponde à exploração sensório-motora do mundo físico. A etapa projetiva caracteriza-se pela capacidade do ato mental projetar-se em atos motores; estágio personalismo (3 a 6 anos), etapa responsável pelo processo de formação da personalidade; estágio categorial (6 a 12 anos), consolidação da função simbólica e a diferenciação de personalidade, a atividade cognitiva voltada a conquista do mundo exterior; estágio da adolescência (a partir dos 12 anos), estabelece a necessidade de abrir espaços às novas definições do eu.

Sendo assim, os estágios Wallonianos indicam predominância funcional, ora a ênfase do desenvolvimento se encontra nos aspectos afetivos, ora cognitivos. O processo de singularização que o sujeito percorre ao longo da vida, está voltado da dinâmica social.

Partindo para a teoria pedagógica, Wallon (1986) “diz que o desenvolvimento intelectual envolve muito mais que o aparato cerebral. Sendo assim, a teoria pedagógica do mesmo pressupõe um movimento dialético entre a afetividade, emotividade, subjetividade com processos cognitivos, interação social e a racionalidade”. Este vê a escola como instituição que deveria estar engajada numa prática que integrasse as dimensões sociais e individuais. Confirma a intuição de tantos professores que se recusam a se dirigir a seus alunos como se fossem intelectos abstratos ou sujeitos sem história. Fornece subsídios para que se compreenda a complexidade dos planos em que se estrutura a criança e da trama que tece entre ela e o meio social.

A idéia de que o ser humano se constrói na interação social, no confronto com o outro, traz importantes conseqüências para a compreensão, na escola, dos sujeitos em formação e de seus processos. Sujeitos concretos e contextualizados, os alunos têm na escola e na família, entre outros ambientes concretos e simbólicos com os quais interagem meios nos quais se constituem. (ARANTES, 2003)

Arantes (2003, p. 83) compreender a escola como importante meio de constituição do sujeito não significa, em absoluto, vê-la como entidade todo poderosa e isolada de um contexto social mais amplo; significa, sim, assumir-se como co-participante e co-responsável de um processo de formação.

A reflexão sobre as possibilidades de interação social oferecidas pela escola é um exercício a ser feito permanentemente, incluindo aí tanto as interações entre as pessoas como as interações destas com o conhecimento e outros produtos da cultura.

Ao observarmos a complexidade da relação que existe entre os vários campos que compõem as atividades psíquicas, à perspectiva walloniana permite romper com falsas verdades normalmente aceitas pelo discurso escolar.

2.2 A AFETIVIDADE NA VISÃO DE PIAGET E VYGOTSKY

Estudando afeto e cognição Piaget (1980), “considerou o desenvolvimento intelectual como um processo que compreende um aspecto cognitivo e afetivo. Durante muitos anos os psicólogos e educadores voltaram suas atenções mais para o papel dos conceitos cognitivos de sua teoria”. Assim, sendo em seus primeiros trabalhos Piaget, reconheceu o aspecto afetivo como importante embora tenha centrado menos sobre este aspecto do que sobre o cognitivo.

Piaget (1954) apud Andrade (2007) afirma que

a afetividade não modifica a estrutura no funcionamento da inteligência, porém, é a energia que impulsiona a ação de aprender. Poderá acelerar ou retardar o desenvolvimento dos indivíduos, podendo até interferir no funcionamento das estruturas da inteligência.

Este mesmo autor considera a afetividade precede as funções da estrutura cognitivas e que os estágios da afetividade correspondem exatamente aos estágios do desenvolvimento das estruturas. Em seu livro “A psicologia da criança”, Piaget (1968, p. 18), diz que:

a afetividade constitui a energética das condutas, cujas estruturas correspondem às funções cognitivas, ou seja, as condutas humanas têm como mola propulsora o afeto, e a estrutura de como elas são e funcionam constitui o elemento intelectual.

A afetividade apresenta-se como fator fundamental para o processo de socialização e é composta de: prazer, desprazer, simpatia, emoções e vontades e

elementos energéticos tais como: interesse, esforço, afetos das relações inter individuais e sentimentos morais.

No livro *Seis estudos de Psicologia* (1986) Piaget “ênfatiza mais uma vez que existe um paralelo entre a vida afetiva e a intelectual, e esse paralelismo continuará por todo o desenvolvimento até adolescência”. Assim, afetividade e inteligência são indissociáveis e constituem os dois aspectos complementares de toda conduta humana.

Para Piaget (1990), a afetividade não se restringe às emoções e aos sentimentos, mas engloba também as tendências e a vontade. Quando utiliza o termo funções afetivas, o faz em sentido amplo. A afetividade segundo o mesmo está baseadamente centrada no corpo e suas ações. A criança não tem consciência do próprio “eu” e vive num processo de diferenciação. Contudo, relataremos como cada estágio estabelecido por Piaget trabalha com a afetividade:

1. No período sensório motor (0 a 2 anos), a afetividade se manifesta nas remoções primárias (medos) e afetos perceptivos. São afetos ligados a própria ação do sujeito e não afetos de relação com outras pessoas. São chamados afetos egocêntricos, sem consciência do eu.
2. No período intuitivo ou pré operacional (2 a 7 anos), ocorre o desenvolvimento dos sentimentos inter individuais (afeições, simpatias) ligados à socialização das ações. Neste período há interesse pelas palavras, pelos desenhos, imagens e etc. Estas realidades adquirem valor para o sujeito à medida que vão encontrando a necessidades.
3. No período das operações intelectuais concretas (7 a 11 anos), correspondem os afetos normativos, ou seja, sentimentos morais autônomos (respeito mútuo, justiça), com intervenção da vontade (reguladora de forças). A capacidade de cooperar permite ao sujeito colocar-se nos pontos de vista dos outros para legislar, considerando comum. A consequência afetiva do respeito mútuo é o sentimento de justiça, fundado na igualdade. No campo da vida afetiva também ocorre de equilíbrio dos sentimentos com o aumento da idade. O desenvolvimento afetivo que acompanha o intelectual também tende a estabilizar e se orientar para o equilíbrio.
4. No período das operações formais (11 anos em diante) são necessárias para a inserção no mundo adulto. Essa fase exige instrumentos afetivos (sentimentos morais, ideais e sociais) e também instrumentos cognitivos (a possibilidade de

encarar o futuro e de elaborar idéias que não estejam atuais e ligadas à necessidade do momento). (PIAGET, 1990).

Todavia, Piaget (1990) “afirma que cada nível de desenvolvimento, se dá por uma equilibração progressiva. Se toda conduta possui um aspecto afetivo e um outro estrutural, o autor defende a ideia de romper com a dicotomia entre a afetividade e inteligência e estudar os dois aspectos no desenvolvimento”. Nas relações com as pessoas, o aspecto afetivo ou energético diz respeito aos diversos afetos inter individuais e o elemento intelectual ou estrutural provém da tomada de consciência das relações inter individuais e desemboca na constituição de estruturas de valores.

Piaget (1990, p.27)

“para marcar a distinção entre o aspecto estrutural e energético considera importante separar a afetividade em sentido amplo dos sentimentos, no sentido particular de condutas determinadas. Considera que a afetividade pela inteligência, mesmo se as diferentes teorias enfatizarem mais um aspecto do que o outro em suas formulações”.

Vygotsky (1998) em seus estudos buscou delinear um percurso histórico a respeito do tema afetividade. Sendo assim, procura explicar a transição das primeiras emoções elementares para as experiências emocionais superiores, especialmente no que se refere à causa dos adultos terem uma vida emocional mais refinada que as crianças.

É possível afirmar que, segundo o autor, o desenvolvimento das emoções humanas é um processo muito complexo e tal desenvolvimento está em harmonia com a própria distinção que faz entre processos psicológicos superiores e inferiores. Ele defende que as emoções não deixam de existir, mas se transformam, afastando-se da sua origem biológica e constituindo-se como fenômeno histórico e cultural.

De acordo com Arantes (2003), apesar dos escritos de Vygotsky sobre emoção ainda que dispersos e incompletos, são extremamente interessantes, pois revelam sua abordagem crítica, os ricos diálogos que procurou estabelecer com seus predecessores e com os autores de sua época e, principalmente, os caminhos por ele apontados para superar as principais limitações e incongruências das explicações disponíveis em seu tempo.

Para Vygotsky (1996), faltava uma perspectiva de desenvolvimento para a explicação das emoções. Procurava esboçar a transição das primeiras emoções primitivas para as experiências emocionais superiores, pois, segundo ele, os adultos têm uma vida emocional mais refinada do que as crianças. Por isso, uma explicação puramente mecanicista das emoções, centrada exclusivamente nos processos corporais, ignorava as qualidades superiores das emoções humanas. Afirmou ainda que as emoções isolam-se cada vez mais do reino dos instintos e se deslocam para um plano totalmente novo.

Em sua principal tese Arantes (2003) “procurou defender que as teorias das emoções existentes eram dualistas já que, coerentes com pressupostos da filosofia cartesiana, separavam o corpo e a mente”. Segundo Arantes (2003) para Vygotsky,

o legado de Descartes não afetou apenas emoções, mas a psicologia de um modo geral, estimulando sua cisão em dois campos, um modelado pelas ciências naturais, preocupado em estudar o comportamento, e outro mais próximo da filosofia, interessado em compreender significados, motivações e volições humanas (ARANTES, 2003, p. 17).

Admite que a manifestação inicial da emoção parte da herança biológica, mas, junto com outras funções psicológicas, nas interações sociais, ela perde seu caráter instintivo para dar lugar a um nível mais complexo de atuação do ser humano, consciente e auto determinado.

Van der Veer e Valsiner apud Arantes (2003, P. 19), esclarece que Vygotsky criticava a tendência predominante na época de se buscar explicações mecanistas para a emoção.

Para ele essa tendência trouxe serias e trágicas consequências para toda a psicologia moderna, pelo fato de ela não conseguir encontrar uma maneira de compreender a verdadeira ligação adequada entre nossos pensamentos e sentimentos, de um lado, e a atividade do corpo de outro lado. (VAN DER VEER E VALSINER apud Arantes, 2003, P. 19)

Deste modo, para Vygotsky, uma formulação teórica da emoção não poderia deixar de fornecer uma explicação satisfatória para a complexa relação entre as emoções inferiores das crianças e as emoções superiores dos adultos. É por esse motivo que ele achava necessário tentar compreender a transição das emoções da

vida para as experiências emocionais superiores. Isto, porém, não significa que haja uma redução ou desaparecimento das emoções, mas, na verdade, propõe-se a existência de um deslocamento destas para simbólico o plano, da significação e do sentido.

Entretanto, ao enfatizar a importância das interações sociais, Vygotsky (1998), apresenta o conceito de mediação, o qual, para Oliveira (1997, p. 23), “é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa então de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento”. Nesse sentido, o desenvolvimento humano é sempre mediado por agentes culturais, não se restringindo a outras pessoas e nessa interação, de acordo com Vygotsky (1998), ocorre a apropriação- internalização- dos objetos culturais, o que desencadeia o desenvolvimento.

No que diz respeito ao desenvolvimento da afetividade Vygotsky (1998), considera que “a qualidade das emoções sofre transformações conforme o conhecimento conceitual e os processos cognitivos da criança se desenvolvem. Isto é, as ferramentas culturais internalizadas constituem instrumentos mediadores para a metamorfose do domínio afetivo ao longo do percurso da vida de cada membro da espécie humana, afastando-o de sua origem biológica e dotando-o de conteúdo histórico cultural” (ARANTES, 2003).

As interações são fundamentais para o desenvolvimento, sendo que as dimensões afetivas estão sempre presentes. Sendo assim, pode-se concluir que tanto Wallon (1986) quanto Vygotsky (1998) destacaram, em seus estudos, o importante papel das interações sociais para o desenvolvimento humano e defenderam a íntima relação existente entre o ambiente social e os processos afetivos e cognitivos, além de afirmarem que ambos se inter-relacionam e se influenciam mutuamente.

Deste modo, o termo afetividade leva a um entendimento amplo que envolve uma gama de manifestações, englobando sentimentos (origem psicológica) e emoções (origem biológica). A afetividade corresponde a um período mais tardio na evolução da criança, quando surgem os elementos simbólicos (TASSONI, 2012).

Considerando que o processo de aprendizagem ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas, a partir de uma relação vincular, é, deste modo, através do outro que o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir e, dessa forma apropria-se (ou constrói) novos conhecimentos.

3. CONCEPÇÕES DE APRENDIZAGEM

Para entender melhor com se dá a relação da aprendizagem e afetividade é preciso primeiramente conceituarmos o que é a aprendizagem. A seguir serão expostos alguns significados da palavra aprendizagem.

Mussem (1970, p.54), define “a aprendizagem como mudança no comportamento ou desempenho, em resultado de experiência”. Enquanto, Visca (1995, p. 15) considera que:

a aprendizagem normal é como um processo de adaptação ativa através do qual o sujeito, frente a uma determinada situação, recebe os estímulos que se lhe apresentam e os incorporam a esquemas de conduta que resultaram efetivos em situações similares, modificando tais esquemas com o fim de produzir uma conduta adequada a situações presentes.

A aprendizagem ocupa um lugar de destaque em nosso desenvolvimento, pois grande parte de nossas ações é aprendida. Para a psicologia o conceito aprendizagem é um constructo complexo, pois envolve muitas definições e tipos de teorias explicativas. Em cada uma delas aprendizagem terá uma definição peculiar, porém toda leva em consideração o desenvolvimento humano.

As teorias da aprendizagem veem-se sempre vinculadas às teorias do desenvolvimento humano, visto que este pressupõe a construção do sujeito. Os conceitos podem ser distintos, porém interdependentes e articulados, desenhando juntos a visão de sujeito que se tem.

Contudo, Celidonio (1998)” concebe a aprendizagem como um processo em que a personalidade da criança possa se desenvolver autonomamente e não como um reflexo de um certo modelo de indivíduo que a família ou a sociedade julgam ideal. Enfatiza a questão de valores e as idealizações que cada membro do casal normalmente projeta sobre o outro e sobre cada um de seus filhos, como fenômeno constitutivo de conflitos e crises do sistema familiar. emocionais que impedem a manifestação da realização criativa e comportamento”.

José & Coelho (1999) também focalizam a aprendizagem significativa e aprendizagem como mudança de comportamento em função da experiência. Afirmam que é comum as pessoas restringirem o conceito de aprendizagem somente aos fenômenos que na escola, como resultado de ensino. Portanto,

aprendizagem e o conhecimento são construídos espontaneamente de forma natural na vida das pessoas, isso ocorre desde o nascimento das crianças, aonde elas vão aprendendo a mamar, falar, pensar, assegurando a sua sobrevivência.

3.1. A INTERFERÊNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM

A afetividade está sempre presente nas experiências empíricas vividas pelos seres humanos, no relacionamento com o 'outro social', por toda a sua vida, desde seu nascimento.

Sabe-se que a aprendizagem é um processo que, uma vez iniciado com o nascimento, só finda com a morte. Isso significa que em qualquer etapa, em qualquer situação, ou em qualquer momento, o indivíduo está aprendendo, sendo que, à medida que aprende varia seu comportamento, seu desempenho, sua ótica, seus enfoques.

Segundo Piaget (1982), na medida em que os aspectos cognitivos se desenvolvem, há um desenvolvimento paralelo da afetividade. Os mecanismos de construção são os mesmos. As crianças assimilam as experiências aos esquemas afetivos do mesmo modo que assimilam as experiências às estruturas cognitivas.

De acordo com Coll; Marchesi; Palácios (2004, p 78), "os sentimentos, as emoções e os desejos correspondem à afetividade, que dá sustentação às ações do sujeito". Este mesmo autor relata que o estilo motivacional daqueles alunos com pouca motivação para aprendizagem escolar aproxima-se da indefensibilidade aprendida. O aluno tende a atribuir os êxitos e os fracassos escolares as causas fixas e não controláveis.

A indefensibilidade aprendida produz quando existe uma constante e acentuada tendência a atribuir a falta de êxito à falta de habilidade, e a considerar que a falta de habilidade está além do controle pessoal" (Marchesi, 2004, p. 132).

O processo de aprendizagem implica em sua relação de afetividade com o professor, tendo em vista que o modo como o aluno representa para si a situação de aprendizagem: suas expectativas e a percepção das expectativas dos professores e seus riscos. (COLL; MARCHESI; PALÁCIOS, 2004).

A afetividade não modifica a estrutura no funcionamento da inteligência, porém, poderá acelerar ou retardar o desenvolvimento dos indivíduos, podendo até interferir no funcionamento das estruturas da inteligência. Wallon (1986) em

sua teoria fez a distinção entre emoção e afetividade: afetividade é um conceito amplo, que inclui um componente orgânico, corporal, motor, plástico (emoção), um componente cognitivo representacional (sentimentos) e um componente expressivo (comunicação).

A importância da afetividade no processo intelectual é apresentada também por Hillal (1985, p. 18):

A afetividade é o suporte da inteligência, da vontade, da atividade, enfim, da personalidade. Nenhuma aprendizagem se realiza sem que ela tome parte. Muitos alunos há cuja inteligência foi bloqueada por motivos afetivos; outros há cuja afetividade não resolveu determinados problemas, apresentando falha no comportamento. A afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida de todos os seus acontecimentos, promovendo todas as atividades. (HILLAL, p.18, 1985)

Segundo Sisto e Martinelli, (2001) a importância dos aspectos afetivos e cognitivos na construção da aprendizagem também foi analisada por Piaget (1982), sendo necessário um desejo, revelando um querer, que se encontra circunscrito na afetividade.

Dolores Avia (1995) “relacionou emoções positivas como alegria e coragem ao afeto positivo, que gera motivação para manter o estado de felicidade, enquanto a tristeza e o medo relacionaram ao afeto negativo”. Segundo a autora, o indivíduo reforça a confiança, buscando formar vínculos sociais por meio do contato com sensações positivas e, na tristeza, o indivíduo diminui a sua atividade, buscando recuperar a sua energia, tentando despertar simpatia e atenção.

Sisto & Martinelli (2001) que relaciona as dificuldades de aprendizagem na escrita às emoções alegria e tristeza, medo e coragem foram mencionadas nas suas hipóteses que crianças com altos níveis de dificuldade de aprendizagem na escrita apresentariam baixos níveis de alegria.

Wechsler (1993, p. 81)” afirma que existem muitas barreiras ou bloqueios emocionais que impedem a manifestação da realização criativa e comportamento”. Entre as barreiras estão medo do fracasso, do desconhecido e da frustração, imaginação empobrecida, necessidade de equilíbrio, medo de exercer influência, medo de perder o controle. “Esses bloqueios vão sendo enraizados ao longo das experiências de sucesso e fracasso vivenciadas na vida”. (Wechsler 1993)

Oliveira (2006, p.76), afirmou que “alguns sinais emocionais são muito

evidentes e alguns desses sentimentos transmitidos pelas crianças podem prejudicar a aprendizagem”. São estes: A raiva, a agressividade, o medo, a timidez excessiva, a ansiedade e a insegurança revelada pela baixa autoestima. A raiva e a agressividade surgem da frustração, que ocorre quando alguém se vê impedido por outro ou por ele mesmo de satisfazer uma exigência pulsional. Quando uma pessoa se sente ameaçada pode exteriorizar sua frustração pela palavra, por ataques verbais, gestos, agressão física, mímicas pejorativas, falta de ação e olhar, entre outras formas. Crianças que acumulam experiências de frustrações, de falta de amor, em ambientes opressivos e agressivos podem adotar a agressividade como maneira de se proteger.

O medo pode prejudicar a aprendizagem do aluno quando este não se sente motivado a superar este sentimento, portanto, cabe ao professor encontrar mecanismos de motivação, como: não rir de suas demonstrações de medo, mas compreendê-las e procurar manter a criança informada sobre os assuntos que desconhece e que estejam gerando todo esse medo; propiciando meios à criança de obter sucesso em pequenas coisas, para que aumente sua segurança e perca o medo de ser ridicularizado e paulatinamente, ir introduzindo desafios mais concretos. (COLL, MARCHESI; PALÁCIOS, 2004)

“Geralmente as crianças que são tímidas e inibidas, demonstram nas suas atitudes vergonha e insegurança, muitas delas não olham nos olhos das pessoas, falam e brincam pouco, apresentam dificuldades em levantar questionamentos com seus professores, mesmo quando não compreendem os ensinamentos, as informações e as instruções dos mesmos”. (ANDRADE, 2007, P. 29)

Tais atitudes acabam por prejudicar as crianças no desenvolvimento da aprendizagem, pois são muitas vezes influenciáveis ao formar sua opinião, preferindo não expor seus verdadeiros sentimentos por medo de serem mal compreendidas ou fracassarem. Desta forma acabam se tornando acomodadas e tendem a ser humildes e acanhadas, o que as traduz em pessoas covardes e pouco vitais.

Os professores podem proporcionar a estas crianças atividades em que possam liberar suas emoções e energias acumuladas ao longo das atividades. Assim como demonstrarem ser dignos de confiança para que estas possam ter segurança em lhes contar estado afetivo penoso, caracterizado pela expectativa de algum perigo que se revela indeterminado e impreciso, e diante do qual o

indivíduo se julga indefeso (HOUAISS, 2001 p1879).

Ao adquirir cada vez maior competência cognitiva a criança vai sendo capaz de elaborar sua auto-estima, sendo menos influenciado pela opinião dos outros, em função dos seus próprios resultados e conquistas. A autoestima é caracterizada em função do caráter positivo ou negativo; considera-se que uma pessoa tenha autoestima positiva quando esta tende a se valorizar e sentir-se bem consigo mesma e possui auto-estima negativa quando se valoriza pouco e se sente mal consigo mesma. O vínculo afetivo que foi estabelecido na relação parental e o padrão de apego nas interações mãe-filho, assim como o estilo educativo a que foi submetido contribuem na construção da autoestima e interfere quanto ao seu caráter. (ANDRADE, 2007, p. 31)

Assim, diante de tudo que foi exposto no decorrer deste capítulo, podemos perceber que a afetividade é um fator primordial para ajudar ou prejudicar a aprendizagem. Todavia, a dificuldade na aprendizagem é resultante de conflitos que se encontram diretamente relacionado à metodologia pedagógica, ao sistema de ensino, e ao vínculo que o sujeito estabelece com a escola, bem como com os professores e a sociedade.

3.2 O OLHAR AFETIVO DO PROFESSOR

Todas as nossas relações são permeadas por sentimentos que, dependendo do tanto de emoções que carregam, nos permitem com maior ou menor grau o envolvimento entre os humanos. Na educação, em especial, mediante as relações afetivas no espaço escolar o envolvimento afetivo entre professor e aluno será fundante para a aprendizagem. O envolvimento entre os dois permitirá um aprendizado eficaz e competente. Naturalmente, nesta condução alunos e professores são considerados sujeitos dotados de emoções, sentimentos e necessidades.

Neste processo, não há quem somente ensina e quem somente aprende. Por se tratar de relações, professor e aluno, trocam saberes; juntos, ora aprendem, ora ensinam. Como diz Freire (2004, p.68),

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. [...] O educador já não é mais o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado,

em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos.

No processo de ensino e de aprendizagem um dos fatores que penetrem em constante movimento são as formas de relacionamentos que existe entre professor e aluno. Piaget apud Vasconcellos (2009, p.64) afirma:

A vida afetiva e a vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. Elas são inseparáveis porque qualquer troca com o meio supõe simultaneamente uma estruturação e uma valorização [...]. É por este motivo que é impossível pensar, mesmo em matemáticas puras, sem experimentar alguns sentimentos, e que, inversamente, não existem fenômenos afetivos sem um mínimo de compreensão ou de discriminação.

Estas formas de relacionamento são o que vão dar suporte para o trabalho do professor no espaço escolar. Reconhecer que no ato do ensino-aprendizagem aprendem e ensinam, e é nesta troca de saberes vislumbram-se as competências, as criatividadeas as quais fundará a autonomia do ser.

Sobre a troca de saberes Freire (2004, p. 68) revela:

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os 'argumentos de autoridade' já não valem.

A relação entre professor e aluno deve ser sempre baseada no diálogo e respeito à ideia um do outro, ouvir e falar como condição da compreensão e entendimento para que ambos cresçam e possam fazer sua reflexão sobre o que pensam e dizem.

Nesta relação é muito importa que o professor conheça a realidade e as experiências existenciais de seus educandos. É preciso conhecer este sujeito e também desprender olhares totalizantes sobre realidade, ter o olhar atento sobre os educandos, saber sobre eles e sobre seus processos de aprendizagem.

Não é suficiente que professor somente conheça a realidade, é preciso intervir, saber olhar tal contexto, trabalhá-lo através de ações que permitam refletir e agir sobre a realidade contemplada, de forma sistemática e prática, sem deixar de lado os educandos, seus processos de apreensão dos conhecimentos, seus

avanços no pleno estabelecimento como sujeitos cognitivos, éticos, afetivos, que têm ou estão procurando de sua identidade, sua cultura, sua visão política e sua posição social.

4. METODOLOGIA, CAMPO EMPÍRICO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, são apresentados os aspectos referentes à metodologia da pesquisa, descrevendo-se o campo da pesquisa, a caracterização dos sujeitos, os procedimentos de coleta de dados e a análise dos dados.

Vários caminhos foram percorridos com métodos e técnicas de pesquisas, para que esse estudo fosse concluído. A metodologia científica refere-se situações necessárias para o fornecimento de recursos que nos faz compreender a natureza dos objetivos propostos.

Segundo Bianchi (1998, p. 37), “metodologia é um conjunto de instrumentos que deverá ser utilizado na investigação e tem por finalidade encontrar o caminho mais racional para atingir os objetivos propostos, de maneira mais prática e melhor”.

A metodologia aqui apresentada buscou colaborar na compreensão da afetividade na educação infantil e suas implicações em sala de aula em uma escola no município de Ipojuca/PE.

4.1 CARACTERIZAÇÕES DA PESQUISA

Com a finalidade de alcançar os objetivos desejados da pesquisa, escolhi uma metodologia que articulou o referencial teórico com a pesquisa de campo. Inicialmente, realizei um levantamento bibliográfico, buscando conhecer e analisar as contribuições científica existente sobre o assunto em estudo e para recolher as informações desejadas. Os dados foram colhidos através de fontes como: livros, trabalhos acadêmicos e científicos que contribuíram para o desenvolvimento e embasamento teórico e conceitual, fundamentando o conteúdo. Os teóricos mais utilizados foram: Wallon (1986), (ARANTES, 2003). Vygotsky (1998) Piaget (1954), e entre outros.

Outro fator importante na coleta de dados para a pesquisa de campo foi à escolha da abordagem quali-quantitativa, tendo como instrumento algumas observações do cotidiano escolar e à aplicação do questionário semi-aberto. Richardson (1989, p. 142-143) “define o questionário como entrevistas estruturadas, que cumpre pelo menos duas importantes funções: descrever as características e medir determinadas variáveis”.

Com relação ao questionário, numa pesquisa, é um instrumento ou programa de coleta de dados. O questionário permite que o pesquisador conheça algum objeto de estudo (OLIVEIRA, 2005).

Lakatos e Marconi (2003) conceituam que se trata de um instrumento para recolher informação. É uma técnica de investigação composta por questões apresentadas por escrito as pessoas.

As perguntas do questionário podem ser classificadas quanto a sua forma da seguinte maneira: fechado simples, quando a pergunta é direcionada para determinado conhecimento que se quer saber ou abertos quando a resposta emite conceito abrangente. Podem conter perguntas abertas quando o interrogado responde com suas próprias palavras e, por isso, são difíceis de tabular e analisar, mas não impossível (LAKATOS E MARCONI, 1985).

A pesquisa em questão foi realizada na Escola Jesus Nazareno que pertence à rede pública e está situada na cidade de Ipojuca – PE. A escola tem um espaço físico amplo, com estacionamento próprio, é composta de doze salas de aulas, cinco delas são destinadas a pré-escola, com mobília específica para esta faixa etária; uma secretaria; uma sala de coordenação; sala de professores; sala de vídeo; uma biblioteca; um laboratório de informática, com doze computadores; dez sanitários, seis femininos e quatro masculinos. Vale salientar que, os sanitários não são adequados para o público infantil. Contém ainda, uma cozinha; um parquinho com seis balanços e um escorrego e também um campinho para que as crianças possam desenvolver as atividades esportivas. O seu corpo docente é composto de 30 professores.

A referida escola funciona em dois turnos (manhã e tarde), sendo a 6 turmas na Educação Infantil, que tem sua faixa etária de alunos com 4 a 5 anos, o Ensino Fundamental 1 12, compreende alunos de 7 a 14 anos.

Vale ressaltar que nos detivemos apenas à educação infantil, sendo os sujeitos da pesquisa em número de 2 professores e 4 mães de alunos. Com este público-alvo, obtive as informações desejadas para atingir os objetivos propostos na investigação.

Fomos à escola, no dia 25 de junho, conversamos com as professoras a respeito do tema da minha pesquisa em seguida entreguei o questionário para que elas respondessem em casa. Em seguida, agendamos a visita a quatro mães para também participar da coleta de dados. Enviamos o convite para que as mesmas

viesses no dia seguinte responder o questionário. No dia 26 de junho as professoras me entregaram os seus questionários respondidos e também auxiliaram na aplicação dos questionários com as mães, na escola mesmo, onde todas responderam com a maior atenção.

4.2 CARACTERIZAÇÕES DOS RESPONDENTES E ELEMENTOS DE COLETA DE DADOS

Foram selecionadas duas professoras e quatro mães para a investigação. Todas responderam a um questionário com questões previamente elaboradas, contemplando os objetivos da pesquisa.

No que se referem ao perfil dos educadores, todas são do sexo feminino e atuam com crianças entre quatro e cinco anos de idade. Quanto à faixa etária do grupo, varia entre 20 e 45 anos de idade, a experiência profissional das professoras varia de 10 e 20 anos, sendo uma delas pós graduada em psicopedagogia.

Já no perfil das mães, todas também são do sexo feminino e tem filhos que variam de idades, séries e turnos. Quanto à faixa etária do grupo também varia de 20 a 35 anos de idade.

Procuramos obter as informações necessárias através de questionários com perguntas subjetivas e objetivas para a apuração da coleta de dados, que nos possibilitou conhecer um pouco do perfil de cada uma, o mesmo aconteceu com as mães. Além de conversar com as professoras sobre o tema da pesquisa: Afetividade na Educação Infantil, para maiores esclarecimento, estimulando-as a darem suas opiniões referentes à temática.

Após a aplicação dos questionários, que foram respondidos com a maior atenção pelas professoras e as mães na presença da pesquisadora, os dados foram tabulados e analisados em uma abordagem quali-quantitativa, permitindo examinar o objeto detalhadamente.

Esse tipo de pesquisa é especialmente projetado para gerar medidas precisas e confiáveis que permitam uma análise estatística, já que os resultados são mais concretos e, conseqüentemente, menos passíveis de erros de interpretação.

Analisaremos as perguntas aplicadas pelos questionários, obtendo as respostas das professoras e das mães dos alunos da escola investigada. Os

gráficos demonstram as respostas das professoras e das mães que participaram de forma ativa, dando suas contribuições para a realização desse trabalho.

Portanto estes foram os procedimentos metodológicos, que nortearam e fundamentaram toda pesquisa, gerando também dados consistentes para poder fazer considerações sobre o tema da pesquisa.

4.3 ANÁLISE DOS DADOS

Aqui apresentamos os resultados de pesquisa, considerando as respostas a cada pessoa que participou da mesma. As respostas das professoras respondentes nos permitiram compreender a temática em estudo.

Questionário destinado às professoras

1. Como se sente em ser um docente na Educação Infantil?

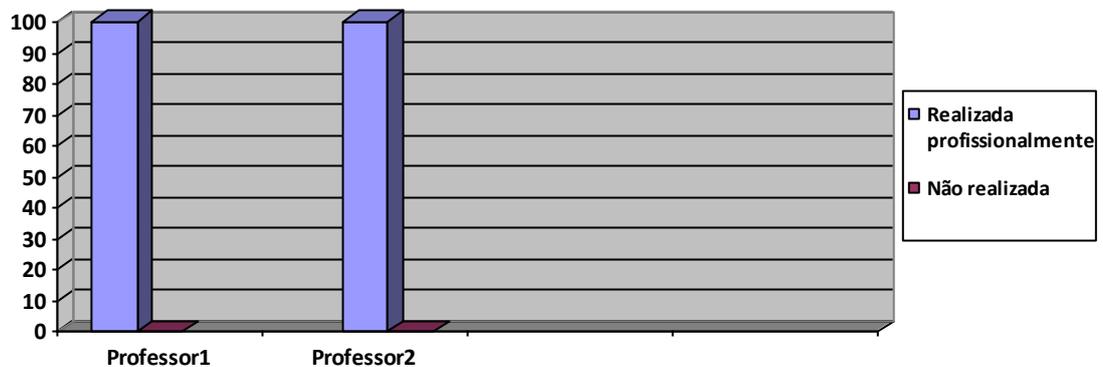


Figura 1 (4): Realização em ser docente na Educação Infantil

As duas professoras responderam que se sentem bastante realizadas em lecionarem com crianças da Educação Infantil. Isso é importantíssimo no processo ensino aprendizagem, pois, quando se gosta do que faz o trabalho torna-se mais gratificante e prazeroso. Sabemos que ser professor não é uma tarefa desenvolvida com facilidade e sim requer amor, afetividade e habilidade.

2. Como professora, você conhece a teoria da afetividade de Henri Wallon?

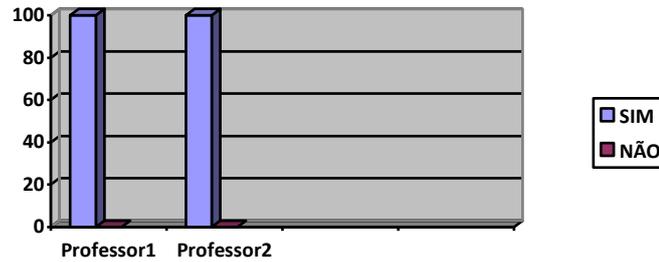


Figura 2 (4): Conhecimento da teoria de Wallon

Observando o gráfico acima, podemos perceber que as duas educadoras conhecem a teoria de Wallon. Isso enriquece seu trabalho pedagógico fazendo com que elas compreendam melhor as relações humanas, os conflitos que surgem no processo educativo e o desenvolvimento psíquico das crianças.

3. O que você acha que a escola deveria fazer para facilitar a relação do desenvolvimento afetivo dos alunos?



Figura 3 (4): Relação afetiva da escola com o aluno

As duas professoras acreditam que a escola deveria respeitar a individualidade e as particularidades dos alunos. Sabemos que a escola atual, necessita descobrir caminhos para a diversidade, fazendo com que as crianças participem ativamente no mundo das diferenças, preparando-as a exercerem sua cidadania. São alunos de diferentes culturas em sala de aula, é necessário que o currículo escolar, o planejamento do professor sejam adaptados aos conteúdos e

atividades diferenciadas, favorecendo assim, o desenvolvimento afetivo e aprendizagem dos alunos, valorizando os saberes e dando oportunidades para que eles demonstrem suas potencialidades.

A Declaração de Salamanca (1994, p.17 apud ROMANOWSKI, PERANZONI, 2011), “recomenda que as escolas se ajustem às necessidades dos alunos, quaisquer que sejam suas condições físicas, sociais e lingüísticas, incluindo também aquelas que vivem nas ruas, as que trabalham as nômades, as minorias étnicas, culturais e sociais”.

4. O que você acha mais importante nas ligações afetivas do desenvolvimento ensino/aprendizagem?

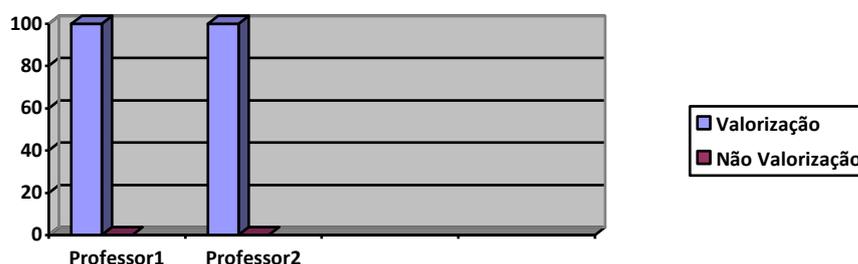


Figura 4 (4): Ligações afetivas na aprendizagem

Ambas responderam que a valorização as diferenças e levantar a auto-estima dos alunos são fundamentais para que haja um bom desenvolvimento na aprendizagem dos mesmos. Pois segundo SENRA [et AL.] 2008, “A negação da diferença não permite a superação do preconceito, mas pelo contrário, o exacerba, na medida que a mascara”. Portanto, devemos procurar valorizar, respeitar e atender a todos os nossos alunos de uma forma bem afetiva, desse modo, o processo ensino aprendizagem será bem mais significativo. (ROMANOWSKI, PERANZONI, 2011)

5. Você acredita que as emoções e os sentimentos podem variar de intensidade, em função dos contextos presentes na vida dos seus alunos, podem interferir na aprendizagem dos mesmos?

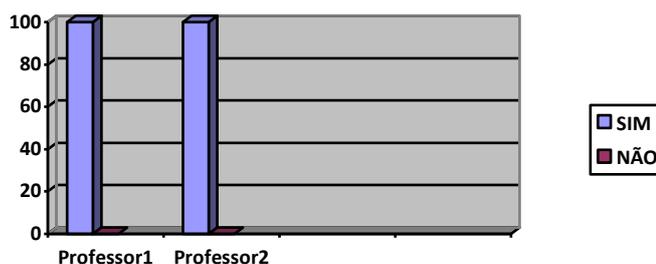


Figura 5 (5): A interferências das emoções na aprendizagem

As duas concordam plenamente que as emoções e os sentimentos são principais responsáveis no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Quando a criança é cercada por bons sentimentos familiares, ou seja, quando ele está inserido num contexto familiar que recebe amor, carinho, atenção e afeto, ele desenvolve sua aprendizagem de forma bem significativa. De acordo com WALLON (1978 apud LIMA, 2008): “A afetividade desenvolve um papel importantíssimo no funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais. Apesar desse papel fundamental na fase inicial da vida, as emoções e sentimentos têm uma função social de contágio, mobilização e comunicação com o outro e se mantém por toda a vida”.

6. Como você faz para aperfeiçoar sua interação com os alunos?



Figura 6 (5): Interação das educadoras com os alunos

Na visão das educadoras compreende-se que ganhar a confiança das crianças é fundamental para essa interação e para que isto aconteça é necessário ajudá-los elaborando os conceitos de valores, levantarem a auto-estima de cada uma delas, quando isso acontece, o aluno se sente seguro e aprendem com mais facilidade. isso ajuda muito o entrosamento entre aluno/professor. Alguns passam a

ser referência de vida para os seus alunos, daí a grande importância da figura do professor. É importantíssimo que o professor se torne amigo do seu aluno, transmitindo sentimentos afetivos, transformando a sala de aula em um ambiente acolhedor, fascinante, inovador, dessa forma a interação ajuda no processo de aprendizagem. ASSMANN (1998, p. 29 apud MORAIS 2004) afirma que: “O ambiente pedagógico tem de ser lugar de fascinação e inventividade. Não inibir, mas propiciar, aquela dose de alucinação consensual entusiástica requerida para que o processo de aprender aconteça como mixagem de todos os sentidos”.

AS MÃES DOS ALUNOS

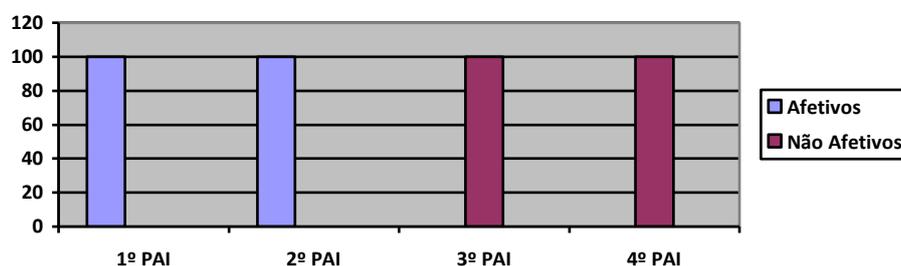


Figura 7 (5): Relação afetiva das mães com seus filhos

O questionário dos pais foi resumido em apenas um gráfico, mostrando que as duas mães participam ativamente na vida escolar dos seus filhos, procuram ser não apenas mãe, mas, acima de tudo amigas, onde seus filhos podem contar e confiar inteiramente nelas.

Enquanto duas delas, infelizmente, não participam, alegando trabalhar bastante e não ter tempo para isso, deixando a educação dos filhos por conta da escola e das avós. E como consequências disso, seus filhos sofrem de carência afetiva, apresentando grandes dificuldades de aprendizagem.

Sabemos que a parceria família e escola é importantíssima para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Infelizmente hoje, muitos pais, não participam dessa parceria, muito menos assumem a educação de seus filhos, vários deles, não têm um relacionamento afetivo com seus filhos, alegando um ritmo

acelerado de trabalho, jogando toda responsabilidade para a escola, ou seja, para os professores.

Para REIS (2007, p.6 apud SOUZA, 2009): “A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida à escola, a relação com ela apenas começa. É preciso dialogo entre escola, pais e filhos”.

Portanto é preciso que os pais participem afetivamente e intensamente da vida escolar dos seus filhos, auxiliando no desenvolvimento afetivo e cognitivo dos mesmos, é imprescindível que haja uma relação harmoniosa com pais, filhos e professores, facilitando assim, o desempenho escolar das crianças.

Por outro lado, FERNANDES (2001, P. 42), diz: “A família também é responsável pela a aprendizagem da criança, já que os pais são os primeiros que ensinam e as atitudes destes, são repetidas constantemente, irão determinar o nível de aprendizagem dos filhos”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todos os momentos de nossas vidas estabelecemos relações e os sentimentos envolvidos nessas relações dependem do tanto de significações que elas tiveram. Se nos marcaram positivamente, podem ser geradoras de alegrias e podem, também, ser energia para alguma ação ou mesmo o estímulo necessário para a aprendizagem.

Se pensarmos no ambiente escolar, podemos dizer que, quando professores e alunos estiverem envolvidos emocional e afetivamente, as relações de ensino e de aprendizagem podem ocorrer de maneira harmônica e prazerosa. Ambos se sentem pertencentes ao processo de aprender e de ensinar. Não há quem somente ensina ou quem somente aprende, é ação conjunta que proporciona cada vez mais interesse em saber.

Neste trabalho buscamos entender a relação afetiva dos pais para com os filhos no processo escolar e como a afetividade influencia na aprendizagem da criança na educação infantil.

Com uma aproximação mais acurada, através de observação e questionário, foi obtido um resultado satisfatório com mães e professores.

Como resultados podemos elencar: que os professores entrevistados participam de forma afetiva no processo educativo, já as mães uma parte delas correspondem de maneira favorável na vida afetiva dos filhos, enquanto outras, agem com indiferença quanto as questões afetivas.

Constatei ainda que existe algo que impedem, alguns professores, de colocarem, em sua ação pedagógica, um pouco de afeto, e de acolher os sentimentos do aluno, de uma forma que leve, esse aluno, a sentir que a escola, é realmente uma extensão do lar.

É importante lembrar que o comportamento intelectual é motivado pelas implicações afetivas, visto que a afetividade norteia o processo de aprendizagem. Portanto, nosso sistema educacional carece de uma Pedagogia do Afeto, que construa homens e mulheres capazes de viver intensamente.

Desta forma, a relação afetiva entre os sujeitos envolvidos no processo de ensinar e aprender, o diálogo entre professor e aluno, o fazer compartilhado, o respeito pelo outro, o estar aberto, o saber escutar são elementos fundamentais para a aprendizagem. Deixando bem claro que a afetividade está presente em tudo

a nossa volta, ela é essencial para as relações humanas e devem ser cultivadas, especialmente na educação infantil.

Com este trabalho, esperamos ter contribuído para aqueles que visem uma mudança em suas atitudes e que pretendam facilitar o processo de aquisição do conhecimento do aluno e de si mesmo. Considerem a afetividade, pois ela é a razão que constitui o humano no seu fazer educacional e pessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L. R. de. (orgs). Henri Wallon: **Psicologia e Educação**. São Paulo Layola, 2003.

ANDRADE, Agivanda Soares de. **A influência da afetividade na aprendizagem**, 2007. Disponível: http://www.arteterapiadf.com.br/textos/monografia_completa.pdf. Acesso em 10/04/2013.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a Educação: rumo à sociedade aprendente**. 3ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1998.

BIACHI, Anna Cecília de Moraes; ALVARENGA, Marina; BIANCHI, Roberto. **Manual de Orientação: estágio supervisionado**. São Paulo: Pioneira Thomson Learnig, 1998.

BRASIL. **Ministério da Justiça. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas e especiais**. Brasília; CORDE, 1997.

CELIDÔNIO, R. F. **Trilogia inevitável: família - aprendizagem - escola**, in Revista Psicopedagogia. Vol. 17, São Paulo, Salesianas 1998.

COLL, C.; MARCHESI, A,; PALÁCIOS, J. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia evolutiva**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CORREIA, Caroline de Souza Vilela, HEIDRICH, Elisa Maria Côrte. RATEKE, Fernanda Gabriela. **A Permanência do Sujeito na EJA: a condição de grupo e a afetividade no cotidiano escolar**. 2007. 49 f. Monografia (Especialização na Modalidade Jovens) – Curso de Especialização na Modalidade Jovens e Adultos. Centro Federal de Educação e Tecnologia. Santa Catarina. Disponível em: <https://wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/d/de/CAROLINI_DE_SOUZA_VILELA_CORREIA_-_ELISA_MARIA_CORTE_HEIDRICH_-_FERNANDA_GABRIELA_RATEKE.pdf> Acesso em 21/06/2013.

DANTAS, H. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon.** In: LA TAILLE et al Piaget, Vygotski, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

DOLORES Avia, M. **Personas felices: las emociones positiva.** Em Dolores Avia, M. & Sánchez Bernardos, M. L. Personalidad: Aspectos cognitivos y sociales. Madrid: Pirâmide, 1995. Texto traduzido no Google tradutor.

ENGELMAN, A. **Os Estados subjetivos: uma tentativa de classificação de seus relatos verbais.** São Paulo: Ática, 1978.

FERNANDES, Alicia. **O jogo do saber.** Porto Alegre: Atmed, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa.** Rio De Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon: Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil.** Petrópolis: Vozes, 1995.

GUILLOT, Gerard. **Artigo, Revista Pátio nº 17, 2008.**

HILLAL, Josephina. **Relação professor – aluno: formação do homem consciente.** São Paulo: Paulinas, 1985.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOSÉ, E. da A. & COELHO, M.T. **Problemas de Aprendizagem.** São Paulo, Ática, 1999.

LAKATOS, Eva M. MARCONI, Manare de A. **Técnicas de pesquisa**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LEITE, Sergio Antonio da Silva. TASSONI, Elvira Cristina Martins. **A afetividade em sala de aula**: as condições de ensino e a mediação do professor. 2008.

Disponível em:

<<http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>>

Acesso em 12/05/2013.

LIMA, Maria da Glória Sá. **A afetividade e suas relações no processo de ensino e aprendizagem**. 2008. 64 f. Monografia (Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica Institucional com Ênfase em Gestão Escolar) – Núcleo de Pós-Graduação. Faculdade Kunos – FAK, Ceará. Disponível em:

<http://www.drb-assessoria.com.br/34_Afetividade-No-Processo-Ensino-Aprendizagem.pdf> Acesso em 18/06/2013.

MUSSEN, P.H. **O desenvolvimento psicológico da criança**, 5ª edição. Rio de Janeiro, 1970.

OLIVEIRA, G. **A Transmissão dos Sinais Emocionais Pelas Crianças**. In: Sisto, F.; Martinelli, S. Afetividade e Dificuldades de Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica. São Paulo: Vetor, 2006.

ORTIZ, M. J. et al. **Desenvolvimento Socioafetivo na Primeira Infância**. In: Coll, et al. Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva. 2 ed. Porto Alegre: Artmed. 2004.

PIAGET, J. **Psicologia e Epistemologia**. Rio de Janeiro: Florense, 1980.

REIS, Risolene Pereira. In: **Mundo Jovem**. São Paulo. Fev. 2002

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1989. 287p.

_____. **A relação e afetividade como inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Vol. 26, nº3, 1962.

_____. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1986.

SENRA, A. H. [et AL.] **Inclusão e Singularidade**. Belo Horizonte: Scriptum, 2008.

_____. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. **A Psicologia da Criança**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

SISTO, F.; MARTINELLI, S. **Afetividade e Dificuldades de Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: Vetor, 2006.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno**. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://168.96.200.17/ar/libros/anped/2019T.PDF>. Acessado em 10/04/2013.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. **A origens do caráter da criança**. São Paulo. 1986.

_____. **A evolução psicológica da infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, H. **Do acto ao pensamento**. Lisboa: Moraes Editores, 1978.

WECHSLER, S. M. **Criatividade**: descobrindo e encorajando. Campinas. São Paulo: Editorial Psy, 1993.

APÊNDICE

**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - MODALIDADE A DISTANCIA
PÓLO DE IPOJUCA-PE**

Prezados Professores:

Estou realizando a pesquisa do meu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC a qual peço gentilmente a sua colaboração no sentido de ser participante ativo da pesquisa a fim de analisar a questão da Afetividade na Educação Infantil. A sua colaboração é de grande importância para a qualidade e consistência da minha pesquisa.

QUESTIONÁRIO

Parte I: Perfil dos Professores

Nome (Opcional): _____

1. Sexo: () Feminino () Masculino
2. Faixa etária: () menos de 25 anos () entre 25 a 35 anos
() entre 36 a 45 anos () acima de 45 anos
3. Quanto tempo (anos) tem de experiência em sala de aula? _____
4. Qual o seu nível de escolaridade? Caso tenha formação superior, favor especificar? _____

Parte II:

5. Como se sente em ser um docente na Educação Infantil?

6. Como professora, você conhece a teoria da afetividade de Henri Wallon?
() Sim () Não

7. O que você acha que a escola deveria fazer para facilitar a relação do desenvolvimento afetivo dos alunos?

8. O que você acha mais importante nas ligações afetivas do desenvolvimento ensino/aprendizagem?

9. Você acredita que as emoções e os sentimentos podem variar de intensidade, em função dos contextos presentes na vida dos seus alunos, podem interferir na aprendizagem dos mesmos?

() Sim () Não

10. Como você faz para aperfeiçoar sua interação com os alunos?

Boa Sorte

E muitíssima obrigada por ter participado da Pesquisa

Prezados Pais:

Estou realizando a pesquisa do meu Trabalho de Conclusão de Curso - TCC a qual peço gentilmente a sua colaboração no sentido de ser participante ativo da pesquisa a fim de analisar a questão da Afetividade na Educação Infantil. A sua colaboração é de grande importância para a qualidade e consistência da minha pesquisa.

QUESTIONÁRIO

Parte I: Perfil dos Pais

Nome (Opcional): _____

1. Sexo: () Feminino () Masculino

2. Faixa etária: () menos de 25 anos () entre 25 a 35 anos
() entre 36 a 45 anos () acima de 45 anos

3. Você disponibiliza tempo para auxiliar o seu filho nas questões escolares?
() Sim () Não () As vezes

4. Você concorda que a participação dos pais na vida escolar dos seus filhos é importante para o seu desenvolvimento social, afetivo e intelectual?
() Sim () Não

5. Você percebe alguma mudança emocional ou comportamental, quando não der atenção necessária ao seu filho nas questões escolares?
() Sim () Não

6. Se você percebe que o seu filho está com algum problema, tenta ajudá-lo?
() Sim () Não () As vezes

Explique: _____

Boa Sorte

E muitíssima obrigada por ter participado da Pesquisa